

Um vazio de uma grande senhora da Democracia



POR **Carlos Carreiras** Presidente de Câmara Municipal de Cascais

Levo cinco anos como Presidente de Câmara. Tempo mais do que suficiente para se instituírem algumas tradições saudáveis nos meus mandatos.

Uma delas é estar no Estoril Political Fórum, no Hotel Palácio, a cada mês de junho. A outra é começar as minhas intervenções saudando a Dra. Maria de Jesus Barroso que, infelizmente, não se encontra entre nós. Há um vazio de uma grande

senhora da Democracia portuguesa que não foi preenchido. Mas estando connosco a sua filha, Isabel Soares, mantenho essa tradição do cumprimento inicial que nos recorda Maria de Jesus Barroso.

É a sexta vez que estou na companhia desta grande família euro-atlântica do IEP. Ousarei até dizer a família euro-atlântica-cascalense do IEP. Por ironia do destino encontramos-nos numa altura em que é notória uma crise no seio da família euro-atlântica.

A América vive um período de polari-

zação eleitoral absoluta e de radicalização democrática. E ninguém pode, com rigor, prever quem será investido no mês de janeiro ou como é que será a Casa Branca, a América e o mundo depois de Obama.

Do lado de cá do Atlântico, não sabemos se a partida do Reino Unido significará uma Europa mais protecionista, mais centralista e mais liberal.

Não sabemos se, cruzando o Canal da Mancha, o genuíno euroceticismo britânico se transformará num antieuropeísmo primário, gasolina na fogueira dos popu-

lismos já alimentada pela imigração, pelo terrorismo e pelo desemprego, que feche ainda mais a Europa sobre si mesma.

Não sabemos se os partidos responsáveis pelas transições democráticas e pela construção europeia – o arco político que une liberais, conservadores, democratas-cristãos e socialistas democráticos – resistirão à investida dos demagogos e dos extremismos de sinais contrários.

Não sabemos, sequer, se a União sobreviverá à mais grave crise pós muro de Berlim.

Não sabemos muita coisa.

Por isso não podia desejar melhor altura para estar rodeado de cientistas políticos e especialistas em relações Internacionais.

Tenho a certeza de que aqui teremos oportunidade de debater tranquilamente diferentes pontos de vista. E, assim o espero, encontrar respostas que iluminem um caminho de incertezas que está aberto à nossa frente.

Podemos começar a procurar essas respostas e essa luz nos exemplos do passado. Em exemplos como o de Maria de Jesus Barroso que hoje, justamente, lembramos nesta sessão.

Tal como disse no início da minha intervenção, este é o sexto Curso de Verão no meu currículo. É o primeiro em que sei que não terei o enorme privilégio de conversar com Maria de Jesus Barroso.

A sua partida está ainda fresca na nossa memória e nem doze meses volveram sobre a sua morte.

Mas o legado, o inabalável legado de valores que nos deixou, vive.

Voltar a essa fortaleza de princípios e ideais não é apenas uma opção. É uma necessidade democrática.

Cruzamos um tempo em que a nossa vida coletiva é governada pela incerteza e pela imoderação, aos quais não é alheia uma perigosa elasticidade de conceitos como liberdade, democracia e bem comum.

Do contacto pessoal, ou da marca que deixou no ambiente público, recorde em Maria de Jesus Barroso a sua nobreza de carácter, a naturalidade do seu humanismo, a força das suas convicções, a resistência perante a adversidade e o seu espírito livre e plural. Maria Barroso, que queria ser atriz e acabou por ser política, foi sempre uma mulher à frente no seu tempo.

Moderna não no sentido estrito da palavra. Moderna porque a constância das suas convicções e a sua fé contrariaram



Cruzamos um tempo em que a nossa vida coletiva é governada pela incerteza e pela imoderação, aos quais não é alheia uma perigosa elasticidade de conceitos como liberdade, democracia e bem comum.

frequentemente as modas passageiras. Iam contra o ar do tempo.

Não foi por acaso que há seis meses lhe dedicamos um auditório no Museu Casa das Histórias Paula Rego. Um local onde, por excelência, se debatem livremente ideias e opiniões contrárias.

As lutas por um país mais próspero, mais livre e mais solidário são uma causa de todos os tempos. Lutas que Maria Barroso abraçou como suas. E que nós, aqui em Cascais, seguimos como inspiração.

Inspira-nos a sua ambição de uma sociedade com menos desigualdades, com menos injustiças e implacável para com todas as formas de exploração.

Inspira-nos a sua luminosa defesa e difusão dos direitos humanos onde quer que eles estivessem em risco.

Inspira-nos o seu caminho de conversão e a resistência à ideia jacobina de que o Estado Laico é um Estado onde a única fé que tem lugar, é fé no poder infalível e absoluto do próprio Estado. Maria de Jesus Barroso ajudou a esquerda democrática a redescobrir a compatibilidade e indispensabilidade da relação entre política e fé.

Inspira-nos não ter tido vergonha de falar de amor e de ter transformado esse amor,

o amor ao próximo, ao nosso semelhante, numa virtude política e cívica.

Minhas senhoras e meus senhores,
Caras e caros alunos,

“A Democracia e os seus inimigos: novas ameaças, novas possibilidades” é o tema chapéu deste encontro.

Vivemos tempos difíceis. E ‘dificuldade’ é palavra que conhecemos bem aqui no Estoril. Estoril significa ‘casa’ para milhares de cidadãos europeus.

Aristocratas e homens humildes, gente de todas as classes e credos, que fugindo da escuridão da Guerra Civil de Espanha, da investida Nazi na Europa ou da Marcha de ocupação do Exército Vermelho, aqui encontraram um lugar para ficar, para viver e para construir em liberdade projetos de felicidade.

Foi nessas dificuldades históricas que o espírito do Estoril foi moldado.

Porque temos connosco a endurance da história, podemos dizer que mais do que as ameaças, devemos olhar para as oportunidades que este tempo nos traz.

Que todos tenhamos a capacidade de enfrentar essas ameaças sem dramatismos ou tremendismos. Eles não são, certamente, os melhores companheiros do bom julgamento.

Que todos tenhamos a capacidade de encontrar um chão comum de compromisso, porque ele é pré-condição para a identificação das oportunidades, e para a concretização dessas oportunidades, onde quer que elas estejam.

O referendo da semana passada ficará registado como um dia triste para a Europa e para os europeus.

É sempre triste ver partir os amigos. Mas se optaram por partir, há que mantê-los sempre o mais perto possível.

O facto de os britânicos terem escolhido um caminho diferente do nosso não significa que tenhamos, daqui para a frente, de tratar de todos os assuntos com acrimónia e revanchismos inúteis.

2016 não é só o ano do Brexit.

É também o ano dos 630 anos do Tratado de Windsor, a mais antiga aliança do Mundo.

Como uma das mais antigas nações da Europa, já vimos muita água passar por baixo da ponte. Já vivemos altos e baixos. Temos a experiência e o entendimento prospetivo do mundo.

É esse o capital que podemos emprestar à Europa e ao mundo, num momento em que tanto precisamos dele. ■